

As lições da leitura

Para que serve a literatura? Porque escrevemos e lemos palavra atrás de palavra, página atrás de página? Porque motivo queremos partilhar, com aqueles que nos rodeiam, os livros que nos tocam, como se parte de nós se tratassem?

Acredito que não exista um significado inerente à leitura. Que não existiu, no universo primordial, uma entidade superior que tenha definido uma resposta para todas estas perguntas. Cabe a cada um de nós saber porque lê, porque consome livros e livros, bons ou maus.

Com este texto, pretendo demonstrar o meu porquê, a minha resposta a tudo isto, através do livro *Persepolis*, de Marjane Satrapi.

Esta banda desenhada é uma história auto-biográfica, que retrata a vida da autora, tendo um início na sua infância no Irão e terminando com a sua emigração definitiva para França na idade adulta.

O livro inicia com uma jovem Marjane de 10 anos que, um ano após a revolução islâmica de 1979, se viu obrigada a utilizar o véu na escola. Esta mudança não foi a única na sua vida e na de muitas crianças iranianas: as escolas bilingues que alguns frequentavam foram fechadas por serem vistas como um símbolo da decadência capitalista e rapazes e raparigas deixaram de poder frequentar as mesmas turmas, sendo assim completamente separados. Marjane reflete que não entendeu o porquê por detrás destas mudanças, o que obviamente é de esperar de uma criança tão nova.

Tudo isto nos é apresentado nas primeiras 2 páginas do livro. É-nos instantaneamente aberta uma porta para o mundo desta rapariga e estendido um tapete para podermos percorrer uma história tão diferente da de tantas pessoas, mas que acaba por representar e dar voz à vida daqueles que se vêm rodeados por um clima constante de instabilidade extrema.

Marjane cresceu rodeada de pessoas com convicções fortes. Os seus pais iam frequentemente a manifestações onde protestavam pelo estado do país e sempre incentivaram a educação da filha: compraram-lhe livros para estudar o passado e os revolucionários do seu país, os crimes de guerra cometidos no Vietname pelos americanos, Karl Marx, Descartes... Queriam que ela se tornasse numa mulher independente, que lutasse pelo que achasse certo e defendesse os seus direitos. Um dos seus tios, Anoosh, esteve preso vários anos por ser opositor do regime e esta é uma figura que marca muito a vida de Marjane. Quando conhece o tio pela primeira vez e descobre o seu passado, o fascínio é imediato e o orgulho que sente por ter um tio que lutou pela liberdade é imensurável.

Assim, ao longo do seu crescimento, a jovem tornou-se em alguém que assumia a coragem para se opor ao que lhe era imposto: gostava de ouvir a música rock dos países ocidentais, colecionava posters e cassetes, usava ténis, pins, casacos que

demonstravam a sua rebelião perante os dogmas impostos, falava e opunha-se abertamente na escola às mentiras propagadas pelos seus professores, que pretendiam manipular as crianças e fazê-las acreditar numa história que não era real e que tinha meramente o objetivo de manter os estatutos opressivos instituídos, de tentar evitar a raiva e a revolta dos mais jovens. Como é de imaginar, o facto de falar e existir tão abertamente colocou-a em situações perigosas que poderiam ter levado à sua prisão, ou pior.

Tenho o imenso privilégio de nunca ter estado perante uma situação de guerra ou um regime ditatorial que impusesse este tipo de restrições à liberdade de expressão. Como tal, sequer imaginar como seria o meu comportamento perante este tipo de existência é difícil. Gosto de pensar que teria coragem para falar abertamente e me expressar, mas isto é obviamente uma construção que não sei se equivaleria à realidade. Um pouco por todo o mundo, vemos atentados à democracia e à liberdade que nos chocam e fazem crescer o receio de que um dia isso nos possa acontecer. Que movimentos extremistas, fascistas, ditatoriais possam ganhar tamanho impacto em Portugal de modo a subir ao poder e mudar por completo toda a nossa vida, tudo o que conhecemos até então. Ponderar sobre esta situação hipotética é algo que me faz refletir sobre a tamanha coragem de Marjane, que mesmo enquanto criança falava sobre o que considerava justo e certo.

À medida que Marjane cresce, também o clima de instabilidade e o perigo evolui com ela. Assim, com 14 anos, a jovem vai estudar e viver para a Áustria por decisão dos seus pais, que temiam pelo futuro que pudesse ter se continuasse no Irão. Ela parte, sozinha, e chega a um país onde não conhece nada nem ninguém. Os anos que se seguem são atribulados. Salta de casa em casa, sem ter a oportunidade de criar raízes fortes em nenhum lado; sofre o primeiro desgosto amoroso; vê-se rodeada de amigos que não a compreendem e que romantizam a ideia da morte e da revolução como quem nunca tinha tido um contacto significativo com esta realidade. A jovem acaba por eventualmente viver na rua durante 2 meses, passando fome extrema e vendo o seu estado de saúde a deteriorar-se progressivamente, até que acaba por colapsar, sozinha, no meio da rua e ir parar ao hospital. É este momento que marca o fim desta fase da sua vida na Europa: Marjane toma a decisão de voltar para o Irão que abandonou há vários anos e ir viver novamente com os seus pais.

A rapariga não se conseguiu enquadrar completamente na Europa e era vista como uma estranha, uma terrorista. O seu desejo de se conformar aos valores ocidentais com os quais não tinha crescido e a sua vontade de não trair quem realmente era chocaram completamente e tornaram os seus anos na Áustria extremamente difíceis a nível físico e psicológico.

Já no Irão, Marjane volta a sentir a dificuldade de se enquadrar num país que deixou durante tanto tempo. Seguimos o seu período de adaptação, a continuidade da sua revolta perante o estado opressivo, o seu período na faculdade e um casamento que dura meses. Aos 24 anos, a jovem acaba por voltar para a Europa, Estrasburgo mais concretamente, para continuar os seus estudos na Escola de Artes Decorativas, momento que marca o final do livro mas o início de uma nova fase na sua vida.

Ao longo de toda esta obra, vemos 14 anos da vida de Marjane. Crescemos com ela, sofremos com ela, e choramos com ela. Vemos as dificuldades pelas quais passou, conhecemos um pouco da história do país que a viu nascer e mesmo assim, em 341 páginas, temos meramente um vislumbre da sua realidade. É um livro que não queremos pousar, mas que nos deixa a temer pelo seu final da melhor forma possível: é uma vida e uma visão tão rica, que nos traz tanto, que queremos apenas continuar a saber mais desta história que não é a nossa. É uma experiência verdadeiramente mágica, que nos faz deixar à porta as nossas ideias pré-concebidas e nos deixa aprender sobre as guerras que temos a sorte de nunca ter conhecido.

Não ter de falar é um privilégio, não ter de lutar diária e incessantemente pelas nossas mais simples liberdades é algo que muitas pessoas não conhecem. É difícil ouvir, mas muitas vezes é o necessário para podermos aprender com aqueles que realmente sabem do que estão a falar. Numa época em que é tão fácil termos opiniões não fundamentadas e partilhá-las nas redes sociais para nos impormos e fazermos sobressair, torna-se cada vez mais fundamental sabermos estar, simplesmente, calados. Não de uma forma passiva, não como alguém que não quer saber do que não o afeta pessoalmente, mas como uma pessoa que tem a decência e a humildade de saber que, ao nascermos todos sujeitos a condições diferentes, existem coisas que nunca saberemos por experiência própria e que às vezes o mais sábio é ouvir quem sabe e viveu na pele situações por nós desconhecidas.

Lutemos por dar voz aos que não a têm e que dela tanto precisam. Saibamos ouvir, refletir criticamente e ter a humildade necessária para reconhecer que não sabemos tudo e que todos têm algo a ensinar.

No início do texto, coloquei perguntas diretas mas com uma resposta que claramente varia de leitor para leitor. Apresento-vos, assim, a minha. Leio porque nunca poderei conhecer todo o mundo; porque cada livro me ensinará algo, nem que seja só uma palavra; porque é importante parar e pensar; porque a calma e, simultaneamente, a energia que a leitura me traz é dificilmente replicável. Leio porque acredito que me torna numa pessoa melhor, porque me permite conhecer a mim mesma e o mundo que me rodeia.

Então leiam, escrevam, tragam mais arte e amor ao mundo e, principalmente, tenham a coragem para querer aprender.